

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

OSWALD DE ANDRADE

MANIFESTO
ANTROPÓFAGO
E OUTROS
TEXTOS



GRANDES IDEIAS

Oswald
de Andrade
**Manifesto Antropófago
e outros textos**

Organização e coordenação editorial
JORGE SCHWARTZ e GÊNESE ANDRADE



COMPANHIA DAS LETRAS



COMPANHIA DAS LETRAS

Manifesto Antropófago e outros textos

OSWALD DE ANDRADE nasceu em São Paulo, em 1890, e morreu na mesma cidade, em 1954. Figura de proa do modernismo, escreveu manifestos, poemas, romances, peças teatrais, crônicas e ensaios. Sua obra ganharia ressonância ao longo do século XX, influenciando outros movimentos artísticos, como o concretismo e a tropicália, e ajudando a fecundar — já no século XXI — a melhor produção reflexiva sobre o Brasil em campos tão diversos quanto as artes visuais e a filosofia, a antropologia e os estudos culturais.

JORGE SCHWARTZ nasceu em 1944 em Posadas, Argentina, e graduou-se em estudos latino-americanos e inglês pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Possui mestrado, doutorado e livre-docência em teoria literária e literatura comparada pela Universidade de São Paulo (USP), onde é professor titular aposentado em literatura hispano-americana. Publicou, entre outros títulos, *Borges no Brasil* (Ed. Unesp, 2001) e *Fervor das vanguardas* (Companhia das Letras, 2013, prêmio Jabuti), e organizou a enciclopédia *Borges babilônico* (Companhia das Letras, 2017), sobre a obra de Jorge Luis Borges. É coordenador editorial da coleção Oswald de Andrade na Companhia das Letras. Desde 2008, dirige o Museu Lagar Segall, em São Paulo.

GÊNESE ANDRADE é graduada em letras (português/ espanhol) pela Universidade de São Paulo (USP), onde obteve mestrado e doutorado em língua espanhola e literaturas espanhola e hispano-americana. Na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), desenvolveu pós-doutorado em literatura comparada. Dedicou-se ao ensino e à pesquisa das literaturas hispano-americana, brasileira e comparada. Organizou *Feira das sextas* (Globo, 2004), de Oswald de Andrade, e cuidou da curadoria de *Pagu/ Oswald/ Segall* (Imprensa Oficial; Museu Lasar Segall, 2009). Ao lado de Jorge Schwartz, é coordenadora editorial da coleção Oswald de Andrade na Companhia das Letras. É professora da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap) desde 2010 e atua também como tradutora.

Sumário

Sobre esta edição

Escolas & Ideias (1922)

Manifesto da Poesia Pau Brasil (1924)

falação (1925)

Antologia (1927)

Manifesto Antropófago (1928)

Porque como (1929)

uma adesão que não nos interessa (1929)

Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia (1929)

ordem e progresso (1931)

Sobre esta edição*

Os textos reunidos neste volume são exemplares da verve de Oswald de Andrade, ao se estruturarem em torno das principais marcas de sua produção: a síntese, a argúcia e o humor. Neles é possível encontrar projetos estéticos, amplo repertório, tomadas de posição, crítica social, análises certeiras e amplas da história do Brasil.

“Escolas & Ideias” foi publicado no segundo número da revista *Klaxon*, em junho de 1922, quatro meses depois da Semana de Arte Moderna e pouco antes do fulgurante encontro de Oswald com Tarsila do Amaral. Surpreende o estilo sintético e aforismático do texto, que pode ser considerado um antecipador dos manifestos. Aí o autor defende a experimentação em detrimento da interpretação, menciona os vanguardistas europeus, inclusive Blaise Cendrars, de quem se aproximaria em 1923, e relaciona Roger Avermaete a Pedro Álvares Cabral, considerando aquele um “descobridor sem acaso”.

No “Manifesto da Poesia Pau Brasil”, são propostos novos princípios para a poesia: a fusão de elementos cultos e populares, a incorporação do cotidiano, o registro da oralidade — a abolição do “falar difícil”, “a contribuição milionária de todos os erros” — como “fatos estéticos”, com vistas a uma “poesia de exportação”. Publicado originalmente no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 18 de março de 1924, foi concebido sob o impacto da apreciação do Carnaval carioca na companhia de Tarsila do Amaral e Blaise Cendrars, e também da temporada em Paris, em 1923, quando o autor frequentou os principais vanguardistas europeus e ficou a par de toda a produção estética europeia do período.

Oswald defende uma revisão cultural do país a partir da valorização do elemento primitivo tão presente em nosso cotidiano, na esteira do que fizeram os cubistas europeus ao tê-lo como suporte estético-exótico. Paralelamente ao gesto revolucionário — “Bárbaro e

nosso” —, reivindica a recuperação de elementos autóctones aliados às conquistas tecnológicas do século XX — “Um misto de ‘dorme nenê que o bicho vem pegá’ e de equações”.

O texto “falação” é uma retomada dos principais pontos desse manifesto, condensando vários tópicos e sintetizando-o em mais de cinquenta por cento. O título escolhido evidencia a importância da oralidade para essa nova poesia, e o fato de que seja o texto de abertura do livro *Pau Brasil*, publicado em 1925, chama a atenção para a realização dos princípios que o manifesto apregoa.

Assim como o anterior, “Antologia”, de 1927, não é, a rigor, um manifesto. Sua inclusão neste volume deve-se a seu caráter único no conjunto da produção oswaldiana. Ao levar ao extremo o trocadilho como estratégia de composição, Oswald produz um de seus textos mais cômicos e beligerantes. Os alvos são Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia, que começaram a publicar nesse ano textos que propõem um novo programa nacionalista e têm a anta como ícone, como demonstra o título de vários deles, “A revolução da anta”, “O significado da anta” — logo reunidos no volume *O curupira e o carão*, no mesmo ano de 1927. Tendo a paronomásia como arcabouço, Oswald ridiculariza tudo que possa se referir à anta, no texto mais mordaz, porém menos conhecido, do conjunto — publicado com o pseudônimo João Miramar, na coluna Feira das Quintas, que o autor mantinha no *Jornal do Commercio*, de São Paulo.

Já o “Manifesto Antropófago” não só se constitui em um dos textos mais célebres do autor, como também é o que teve, e ainda tem, maior repercussão e mais desdobramentos no contexto cultural brasileiro, e maior divulgação no exterior. Concebido em janeiro de 1928, impulsionado pelo quadro *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, com que Oswald foi presenteado em seu aniversário, foi publicado no primeiro número da *Revista de Antropofagia*, em maio do mesmo ano, acompanhado do desenho da referida obra.

Com a proposta de assimilar as qualidades do inimigo estrangeiro para fundi-las às nacionais — “Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti” —, apresenta uma síntese

dialética que procura resolver a questão da dependência cultural, por meio da transculturação. Suas fontes explícitas são Marx, Freud, Breton, Montaigne e Rousseau, a partir das quais relê a história do Brasil, privilegiando elementos das matrizes indígena e africana, repudiando a imposição da cultura europeia e valorizando a cultura popular — “Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval”. Suas propostas mais ousadas são o novo marco inicial dessa história, fixado como a deglutição do Bispo Sardinha, em 1554, pelos índios caetés, e a reelaboração da dúvida existencial hamletiana, “Tupi or not tupi”. Porém a mais citada é aquela que sintetiza o espírito oswaldiano: “A alegria é a prova dos nove”.

Os breves textos “Porque como”, assinado com o pseudônimo Marxillar, e “uma adesão que não nos interessa”, com autoria atribuída a Poronominare, dão continuidade à polêmica com o grupo da Anta. Publicados em 1929, na segunda fase — “segunda dentição”, nas palavras dos editores — da *Revista de Antropofagia*, marcada pela virulência dos textos, o primeiro, acompanhado pelo desenho *Antropofagia*, de Tarsila do Amaral, reivindica a retomada dos valores do clã primitivo, como forma de criticar a sociedade brasileira repressiva e classista. O segundo acusa os verde-amarelistas de um conservadorismo que passa pelo romantismo de José de Alencar, de serem classistas e manterem o status quo da cultura brasileira colonizada pelos valores europeus. Cabe ressaltar o significado dos pseudônimos: Marx devorado pelo aparato responsável pelo movimento da mastigação, na síntese Marxillar; o nome indígena Poronominare, que designa o deus da criação do povo baré, da Amazônia.

“Algumas teses antropofágicas” para o Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia, atribuídas ao Clube dos Antropófagos de São Paulo, divulgadas em um dos últimos números da revista, encerram esse núcleo. Em um sintético “decálogo”, revelam princípios baseados em reivindicações socialistas e anarquistas, tais como: o divórcio; a “maternidade consciente”, isto é, a legalização do aborto; a “impunidade do homicídio piedoso”, ou seja, a eutanásia; “a supressão das academias e sua substituição por laboratórios de

pesquisas”. Não foram apresentadas outras teses e o evento, previsto para o final de setembro de 1929, não chegou a se realizar.

O último manifesto de autoria de Oswald de Andrade é “ordem e progresso”, publicado em 1931 no primeiro número de *O Homem do Povo*, periódico fundado com Pagu, sua esposa nesse momento. Trata-se de uma época de militância, quando se filia ao Partido Comunista, renega seu passado burguês e boêmio, mas, mantendo o mesmo humor de antes, denuncia a exploração do homem pelo homem — “com uma imensa e clara simpatia pelas reivindicações da nossa gente explorada” — e das matérias-primas nacionais pelos estrangeiros. Ao destacar o fato de que predominam nas exportações o café, o fumo, o açúcar e a banana, cunha a expressão “país de sobremesa”, que virá a ser o título de um artigo publicado em 1937, na revista *Problemas*. Marcada pela crítica social e por duros ataques às elites e às instituições tradicionais, o que levaria a seu fechamento, a publicação é a mais breve entre aquelas das quais Oswald participou, mas talvez a que tenha provocado maior agitação no cenário cultural e social paulista. Em suas páginas, foram defendidas algumas das ideias que nortearam as teses do irrealizado Congresso de Antropofagia.

Podemos afirmar que “Escolas & Ideias”, pelo que foi apontado inicialmente, traz o “Manifesto da Poesia Pau Brasil” em incubação; este, por sua vez, antecipa o ideário antropofágico — quanto à valorização do elemento nacional, à recuperação do elemento primitivo no homem civilizado, à revisão dos conceitos de bárbaro e primitivo —, mas, enquanto o manifesto de 1924 privilegia as questões estéticas, o de 1928 ressalta as dimensões revolucionárias e utópicas. Une-os a opção pelo aforismo, a linguagem metafórica, o humor, a síntese e as citações nem sempre explícitas e às vezes quase cifradas.

Da mesma forma, “Antologia” antecipa a polêmica Antropofagia versus Verde-amarelismo, que tem seu auge quando os partidários da Anta publicam o “Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo”, em 1929. Embora estes também busquem definir a identidade nacional brasileira, recusam todo elemento estrangeiro, defendem as instituições conservadoras e se revelam reacionários. Nas críticas publicadas nas páginas da segunda fase da *Revista de Antropofagia*, assinadas com pseudônimo, Oswald segue a mesma linha agressiva e

debochada que caracterizou o texto de 1927, acentuando-se o aspecto comunista e o caráter libertário.

O mesmo tom e a mesma estratégia de pseudônimos usados também por outros membros da revista se estendem a outros textos dessa época e desembocam em rompimentos com grandes amigos e companheiros do modernismo, como Paulo Prado e Mário de Andrade — no mesmo ano de 1929, o casamento de Oswald com Tarsila do Amaral termina —, fatos que marcam o fim da década de 1920 e da fase áurea do movimento modernista brasileiro.

Os anos 1930 se iniciam sob o impacto do surgimento de Pagu, com quem Oswald iniciara um romance, viria a se casar e ter um filho. “ordem e progresso”, que intensifica as ideias lançadas em “Porque como”, marca o início de uma fase menos eufórica, mais comprometida, da qual não estão ausentes a comicidade e o sarcasmo. O lema da bandeira do Brasil que desaparecera da capa de *Pau Brasil* reaparece no título desse texto, o qual reivindica a “ordem econômica, progresso técnico e social”, que, passados quase noventa anos, ainda não alcançamos plenamente. O círculo se fecha evidenciando a atualidade de Oswald, mas também a falta que fazem sua argúcia e humor no contexto econômico, social e político mundial — marcado pelo aumento das desigualdades e por uma nova onda conservadora — que constitui o cenário desta publicação.

NOTA EDITORIAL

Para o estabelecimento de texto desta edição, foram consultados: “Escolas & Ideias”. *Klaxon*, n. 2, São Paulo, 15 jun. 1922, p. 15.

“Manifesto da Poesia Pau Brasil”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1924; *Revista do Brasil*, ano VIII, vol. XXV, n. 100, São Paulo, abr. 1924, pp. 361-3; Letras e Artes, *A Manhã*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1952, p. 5.

“falação”. *Pau Brasil*. Paris: Au Sans Pareil, 1925, pp. 18-21; *Poesias Reunidas O. Andrade*. São Paulo: Edições Gaveta, 1945, pp. 18-20.

“Antologia”. *Jornal do Commercio*, São Paulo, 24 fev. 1927, p. 3; *Clima*, n. 4, São Paulo, set. 1941, pp. 137-9.

“Manifesto Antropófago”. *Revista de Antropofagia*, ano I, n. 1, São Paulo, maio 1928, pp. 3 e 7.

“Porque como”. *Revista de Antropofagia*, 2. dentição, n. 6, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1929, p. 10.

“uma adesão que não nos interessa”. *Revista de Antropofagia*, 2. dentição, n. 10, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 12 jun. 1929, p. 10.

“Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia. Algumas teses antropofágicas”. *Revista de Antropofagia*, 2. dentição, n. 15, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 19 jul. 1929, p. 12.

“ordem e progresso”. *O Homem do Povo*, n. 1, São Paulo, 27 mar. 1931.

Foram mantidas as opções adotadas por Oswald de Andrade quanto ao não uso de destaque de palavras estrangeiras e ao uso de iniciais maiúsculas em alguns substantivos comuns como forma de ressaltar o tema abordado; foram respeitadas as opções do autor também quanto à ortografia (a não atualização de alguns nomes próprios e o abasileiramento de outros) e foram corrigidos erros tipográficos evidentes.

(N. C.)

* Para mais informações sobre os textos, seu contexto de produção e desdobramentos, ver Jorge Schwartz, *Vanguardas latino-americanas: Polêmicas, manifestos e textos críticos* (2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2008), especialmente as seções “Manifestos” (pp. 165-80), “Tensões ideológicas” (pp. 557-76) e “O Homem do Povo” (pp. 298-303). (N. C.)

Escolas & Ideias

Publicado originalmente na *Klaxon*, n. 2, São Paulo, 15 jun. 1922, p. 15. (N. C.)

(NOTAS PARA UM POSSÍVEL PREFÁCIO)

Roger Avermaete em extensão. Toda arte realista, interpretativa, metafísica.

A única arte excelente — a que fixa a realidade em função transcendental.

O péssimo = a interpretação = Romantismo. Vejam o ruim de Shakespeare, o ruim de Balzac. Zola inteiro. José de Alencar inteiro. Coelho Neto inteiro.

O Eu instrumento não deve aparecer. Estabelecer a metafísica experimental. Tinham razão os bons naturalistas. À morte o Eu estorvo, o Eu embaraço, o Eu pêsames. Mal de Maupassant e de Flaubert — unilateralidade. Desconheceram o imperativo metafísico.

Os grandes — Cervantes, Dante, depois dos gregos que primeiro fixaram a realidade em função da eternidade = O SEGREDO.

Os gregos, depois dos profetas. Todos, precursores e futuristas, na mesma medida da Relação.

Derivou daí uma lei de escolha, fazendo entrar para artistas, mais gente.

Quem atingiu, atingiu. E selecionar nos enormes, nos gênios. Saber ver os que fizeram, na arte, como Aristóteles, como Thomas de Aquino, como Kant. Sempre na medida da Relação, na medida do Segredo. “Por cima de mim, o estrelado céu; a lei moral dentro de mim.” Soma: Metafísica + Realidade = Luz. Licht, mehr Licht! A sugestão dos assuntos = toda a história do mundo = toda a história do Exílio = A Divina Comédia, Fausto.

A sugestão dos poemas definitivos — O livro de Job, Prometheu, Édipo, Hamlet, A tempestade, Dom Quichotte, Brand e Peer, As Flores do Mal.

Benditos os que reagiram contra a Interpretação — Rimbaud, Lautréamont, Apollinaire e a Corja até Cendrars, Soffici, Ronald, Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Luiz Aranha — *O Homem e a Morte*, *Soror Dolorosa*, Ribeiro Couto inédito e Serge. Antonio Ferro genial.

E Juan Gris, pelo processo, pelo *round*, pela raiva provocada nos interpretadores de bois. Benditos, Brecheret, Malfatti, Di Cavalcanti. Avermaete, exato, descobrir. Pedro Álvares Cabral sem acaso.

Definir mais ensinar, berrar. Três pinturas. Não só. Três maneiras de arte. Realista, Interpretativa, Metafísica. Fora a interpretação! Lei da Metafísica Experimental: Realizar o infinito.

Manifesto da Poesia Pau Brasil

Publicado originalmente no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1924. (N. C.)

A Poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo.

Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

*

Toda a história bandeirante e a história comercial do Brasil. O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. Comovente. Rui Barbosa: uma cartola na Senegâmbia. Tudo revertendo em riqueza. A riqueza dos bailes e das frases feitas. Negras de jóquei. Odaliscas no Catumbi. Falar difícil.

*

O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel.

Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O império foi assim.

Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.

A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas das saudades universitárias.

*

Mas houve um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

A volta à especialização. Filósofos fazendo filosofia, críticos crítica, donas de casa tratando da cozinha.

A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.

*

Tinha havido a inversão de tudo, a invasão de tudo: o teatro de tese e a luta no palco entre morais e imorais. A tese deve ser decidida em guerra de sociólogos, de homens de lei, gordos e doirados como Corpus Juris.

Ágil o teatro, filho do saltimbanco. Ágil e ilógico. Ágil o romance, nascido da invenção. Ágil a poesia.

A Poesia Pau Brasil. Ágil e cândida. Como uma criança.

*

Uma sugestão de Blaise Cendrars: — Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

*

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de jurisconsultos, perdidos como chineses na genealogia das ideias.

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

*

Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

Uma única luta — a luta pelo caminho. Dividamos: Poesia de importação. E a Poesia Pau Brasil, de exportação.

*

Houve um fenômeno de democratização estética nas cinco partes sábias do mundo. Instituíra-se o naturalismo. Copiar. Quadro de carneiros que não fosse lã mesmo, não prestava. A interpretação no dicionário oral das Escolas de Belas-Artes queria dizer reproduzir igualzinho... Veio a pirogravura. As meninas de todos os lares ficaram artistas. Apareceu a máquina fotográfica. E com todas as prerrogativas do cabelo grande, da caspa e da misteriosa genialidade de olho virado — o artista fotógrafo.

Na música, o piano invadiu as saletas nuas, de folhinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. Surgiu o piano de manivela, o piano de patas. A Pleyela. E a ironia eslava compôs para a Pleyela. Stravinski.

A estatuária andou atrás. As procissões saíram novinhas das fábricas.

Só não se inventou uma máquina de fazer versos — já havia o poeta parnasiano.

*

Ora, a revolução indicou apenas que a arte voltava para as elites. E as elites começaram desmanchando. Duas fases: 1^a) A deformação através do impressionismo, a fragmentação, o caos voluntário. De

Cézanne e Mallarmé, Rodin e Debussy até agora. 2^A) O lirismo, a apresentação no templo, os materiais, a inocência construtiva.

O Brasil profiteur. O Brasil doutor. E a coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau Brasil.

*

Como a época é miraculosa, as leis nasceram do próprio rotamento dinâmico dos fatores destrutivos.

A síntese O equilíbrio O acabamento de carrosserie A invenção A surpresa Uma nova perspectiva Uma nova escala.

*

Qualquer esforço natural nesse sentido será bom. Poesia Pau Brasil.

*

O trabalho contra o detalhe naturalista — pela *síntese*; contra a morbidez romântica — pelo *equilíbrio* geômetra e pelo *acabamento* técnico; contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*.

*

Uma nova perspectiva: A outra, a de Paolo Ucello, criou o naturalismo de apogeu. Era uma ilusão óptica. Os objetos distantes não diminuían. Era uma lei de aparência. Ora, o momento é de reação à aparência. Reação à cópia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua.

*

Uma nova escala: A outra, a de um mundo proporcionado e catalogado com letras nos livros, crianças nos colos. O reclame produzindo letras maiores que torres. E as novas formas da indústria, da viação, da aviação. Postes. Gasômetros. Rails. Laboratórios e oficinas técnicas. Vozes e tics de fios e ondas e fulgurações. Estrelas familiarizadas com negativos fotográficos. O correspondente da surpresa física em arte.

*

A reação contra o assunto invasor, diverso da finalidade. A peça de tese era um arranjo monstruoso. O romance de ideias, uma mistura. O

quadro histórico, uma aberração. A escultura eloquente, um pavor sem sentido.

Nossa época anuncia a volta ao *sentido puro*.

Um quadro são linhas e cores. A estatuária são volumes sob a luz.

A Poesia Pau Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.

*

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo.
Ver com olhos livres.

*

Temos a base dupla e presente — a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de “dorme nenê que o bicho vem pegá” e de equações.

Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau Brasil.

*

Obuses de elevadores, cubos de arranha-céu e a sábia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau Brasil.

*

O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional.

Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.

*

O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito.

*

O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica.

*

A reação contra todas as indigestões de sabedoria. O melhor de nossa tradição lírica. O melhor de nossa demonstração moderna.

*

Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem antologia.

*

Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau Brasil.

falação

Publicado originalmente em *Pau Brasil*. Paris: Au Sans Pareil, 1925, pp. 18-21. (N. C.)

O Cabralismo. A civilização dos donatários. A Querência e a Exportação.

O Carnaval. O Sertão e a Favela. Pau Brasil. Bárbaro e nosso.

A formação étnica rica. A riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

Toda a história da Penetração e a história comercial da América. Pau Brasil.

Contra a fatalidade do primeiro branco aportado e dominando diplomaticamente as selvas selvagens. Citando Virgílio para os tupiniquins. O bacharel.

País de dores anônimas. De doutores anônimos. Sociedade de naufragos eruditos.

Donde a nunca exportação de poesia. A poesia emaranhada na cultura. Nos cipós das metrificações.

Século vinte. Um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como babéis de borracha. Rebentaram de enciclopedismo.

A poesia para os poetas. Alegria da ignorância que descobre. Pedr'Álvares.

Uma sugestão de Blaise Cendrars: — Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Contra o gabinetismo, a palmilhação dos climas.

A língua sem arcaísmos. Sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros.

Passara-se do naturalismo à pirogravura doméstica e à kodak excursionista.

Todas as meninas prendadas. Virtuoses de piano de manivela.

As procissões saíram do bojo das fábricas.

Foi preciso desmanchar. A deformação através do impressionismo e do símbolo. O lirismo em folha. A apresentação dos materiais.

A coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau Brasil.

Contra a argúcia naturalista, a síntese. Contra a cópia, a invenção e a surpresa.

Uma perspectiva de outra ordem que a visual. O correspondente ao milagre físico em arte. Estrelas fechadas nos negativos fotográficos.

E a sábia preguiça solar. A reza. A energia silenciosa. A hospitalidade.

Bárbaros, pitorescos e crédulos. Pau Brasil. A floresta e a escola. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau Brasil.

Antologia

Publicado originalmente na coluna “Feira das Quintas”, *Jornal do Commercio*, São Paulo, 24 fev. 1927, p. 3. (N. C.)

Pois vou vos contar de pedanta grei, da qual recebi dois agravos duranta a semana, que por certo esfalfaram as vísceras agravantas, demonstrativos porém ambos de um espírito antanho e garganta que não sacode pedras mui longe do antro em que se antola.

Antigamente os homens que nasciam sob o signo da estrela Antares só bebiam cerveja Antartica. Hoje os antólogos bebem da água vazanta e caçam moscas por papagaios. Por isso decidiram fundar a Escola Purganta e trinchante em mão fingir de tribo sacripanta. Ora vai que se empalaram na figura de retórica chamada de nome antanagoge que dá ganho de causa ao adversário utilizante dos meios primeiro empregados pela inicial litiganta.

Os tais deram de brincar que isto aqui é o país da Atalanta mas tal a anta tal o caçador e o venatório encontrando tanta anta não pôde a sério tomar uma Anta Tonanta, que querendo ser gigante não passa de axinomântica. Assim foi que a tal ruminanta tomada de antopodose jornalística antirou-se desastradamente no cerrado antiroteio que a guarda da alfântaga mantém nesta antanaclássica clã.

E fuzilada na antamanhã ao som do “lucevan le stelle Antares”, a Anta que era galicista disfarçada em tupiniquim gritou tontamente pela sua tanta que era uma santa Bacanta e Júpiter indignado da pretensão de ver uma falsa Tonanta, mandou que uma tunda na funda se lhe desse da referida que era rendida e foi de tagante.

Foi aí que intervieram as neves d’antanho de há mui derretidas mas perfeitamente conservadas por antanaclase na frigideira das cabeças antalgidas as quais por bem houveram de dizer que isso de letras verde-amarelas era a antítese da antese, coisa solenemente confirmada pelo professor Antero Dantas.

Resultou a anta encurralar-se num trocadilho e perante o público declarar que era só tunanta, pelo que se acalmaram os Imortais em conselho na antacâmara e mandaram recolher o vingador antecamis que prometia frigar ovos e manteigas de todos os literatos da Tabanta.

Visto e acontecido que foi isso no céu das antigas letras pátrias, na terra repercutiu o anterior berreiro antal que também sendo por

virtudes morais marisco arisco, fez enjoar Sua Majestade, Rei Antão, o qual apressadamente pediu um chá de antemis.

Antimidados com tanta antevéspera constantada em seu espírito antacanho, os infantes da antrasada Anta declararam tratar-se de uma antiparístase sobremodo antipática.

Antepondo anterioridades anterlocutórias disse a suplicanta que antequanto desejava purgar as reconhecidas culpas e Júpiter, tomando do tridante, disse: — Purga Anta! Donde todos sorriram amainados pelo tonante trocadilho. E como surgisse das águas Poseidon trazendo na anavahlanta mão erguida a cabeluda Atlanta, propuseram trocar d'ilha o que fizeram de Mamãe-Me-Leva e João-Francisco, respeitantas as direitas pois que a grilada vigilanta antegozava derrapages derrapantas.

O recurso da Anta foi recorrer a certo Pantaleão da Pantagonia que costumava se empanturrar de pansteis, o qual a levou perante o tribunal de Rei Antão e de dizer: — Esta bichana que se diz anta chamar, traz um antraz no rabo, o qual literatura cheira, mas da boa porque antiqualha é.

Ao que Rei Antão que era surdo e antaclásico tomou por coalhada de anta e berrou que a lhe dizer desrespeitosamente estavam muitas antolices. Antolharam-se os fidalgos e as figurantas por saber quanta rabiosa era a nervosa de Sua Majestade, gestanta às vezes de corridas embargantas de vida e bens. Entrementes a farsanta apresentava-se de almiranta fluvial em bote rio acima, afirmando ali haver muitas antas e elas ofertando e prometendo ao Rei com mui apetitosas promessas para a janta.

As outras porém que verídicas eram laçaram a birbanta a barbante e disseram-lhe: — De hoje por diante levarás pantapés em tantas partes que plantarás em teu corpo a planta dos quatro pés que te marcaram ao nascer!

Então, Rei Antão perante Júpiter se dirigiu em lucilante procissão, com besantas, bargantas, brochantas e outras tagantas. Ao que Poseidon tirando da estante um sextante, reconheceu a futurista indígena originária de Antuérpia, bem como possuinte de noventa anos formulante de fórmulas e papéis-carbonos e enfincou-lhe o chuço marinho na serelepa.

Reconhecidos os antônimos como perigosos parasitos foram também chuçados a secante guardando-se-lhes as ex-galantas peles na sacrossanta melananta da Antecalva, pelo que viraram todos fantasmas e condenados que foram a escrever mal com angu e anquinhas. Pelo que inda hoje nos irritariam se não possuíramos mágicos e imunizadores antaclifos antagônicos a bufos de antambas mortas de seculice e cheirando antontem pelo que a antigalho dão o nome à peça com que se seguram as vergas, quando a enxárcia está desbaratada, que tanto a Anta se assemelha e é dela semelhante.

Todos os direitos reservados.

João Miramar

NOTA

Ao ser publicado na revista *Clima* (n. 4, São Paulo, set. 1941, pp. 137-9), este texto foi precedido pela seguinte contextualização, sem assinatura (N. C.): [...]

Era em 1927. Oswald colaborava no *Jornal do Commercio* de São Paulo, dirigido por Veiga Miranda. Por essa época, a geração que se revelara de modo tão explosivo e fecundo na Semana de Arte Moderna começava a se definir com maior nitidez. Dentro do que tinha sido um amálgama confuso de aspirações vagas, conjugadas no mesmo esforço de libertação, depois de concretizadas no movimento de 22, começaram a delinear-se as primeiras diferenciações.

Alguns acharam que a fase da revolução já passara... O momento era de pacificação, de estabelecer quartéis nas posições tomadas e gozar das presas de guerra. Outros mais impetuosos, e tendo alguma coisa a mais para dizer, continuaram na pesquisa dos meios de expressão.

Oswald de Andrade em 1925 lançara o *Pau Brasil*. À semelhança deste, a outra ala fundou um movimento que se denominou modestamente “da Anta”. Era o grande momento da brasilidade. Cada qual procurava, sob forma de vegetal ou paquiderme, puxar o Brasil para a sua sardinha.

Enquanto o robusto prosador de *Serafim Ponte Grande* ainda triturava a frase para atingir uma camada nacional mais funda, o movimento da Anta quebrava lanças em prol da tradição e da ordem. Tratava-se evidentemente de uma tentativa prematura, verde mesmo.

Foi objeto no entanto, do artigo intitulado “Antologia” publicado no *Jornal do Commercio* de 24 de fevereiro de 1927, que adiante transcrevemos. Nele surge uma nota diferente do talento de Oswald de Andrade, que faz lembrar a deliciosa fantasia do *Serafim*. O estilo severo, quase descarnado do Oswald, que a sobriedade do colorido dá tanta força e emoção, reveste aqui os trajes arlequinais do clown. As palavras libertadas se expandem em doidas cabriolas, que vão num crescendo de deixar o burguês zonzo. Jogando unicamente com deformações e assonâncias da palavra “anta” ele chega a um poderoso efeito cômico. Dentro do espírito moderno, reatava-se a tradição de vigor verbal que nos vem dos grandes panfletários da língua.

Manifiesto Antropófago

Publicado originalmente na *Revista de Antropofagia*, ano I, n. 1, São Paulo, maio 1928, pp. 3 e 7. (N. C.)

Revista de Antropofagia

Direção de ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 18, RUA BENJAMIN CONSTANT — 2.º PAV. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.708

SÃO PAULO

ABRE-ALAS

Nós eramos xitópagos. Quái! chegamos a ser deródinos. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.

Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo fígado (o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formámos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra cousa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, princípio de tudo.

Não o índio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola, ou movimento. De ontem, de hoje e de amanhã. Daqui e de fora. O antropófago come o índio e come o chamado civilizado: só ele fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiência moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aqui se processará a mortandade (esse carnaval). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

No fim sobrará um Hans Staden. Esse Hans Staden contará aquilo de que escapou e com os dados dele se fará a arte próxima futura.

E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a dentuça.

Gente: pode ir pondo o cazim a ferver.

Antônio de Alcântara Machado.

MANHÃ

O jardim estava em rosa, ao pé do Sol

E o ventinho de maio que viera do Jaraguá

Deixando por tudo uma presença de água

Bianzava gonado na manhã preciosa.

Tudo limpo que nem toada de flauta.

A gente si quizesse beijava o chão sem formiga.

A bocca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio notista, muito claro!

As sombras se agarrando no folheto das árvores

Talqualmente preguiças pesadas.

O Sol sentava nos bancos, tomando banho-de-luz.

Tinha um sossego tão antigo no jardim,

Uma fresca tão de mão lavada com linho

Era tão marupáira e descanante

Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...

Si eu tivesse a meu lado ali passeando

Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um denezinho...

Na doçura de manhã quasi acabada

Eu lhes falava cordialmente:—Se abanquem um boadinho

E havia de contar pra eles os nomes dos nossos peixes

Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitória, Marajó,

Cóias assim que puzesse um diafere de festa

No pensamento dessas tempestades de honras.

MARIO DE ANDRADE

“Ali vem a nossa comida pulando”

(V. Hans Staden - Cap. 28)

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosóficamente.

Unica lei do mundo. Expondo a maldade de todos os individualismos, de todos os colectivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

True, or not true that is the question.

Contra todos os catibos. E contra a má de dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Fatamos fatigados de todos os maridos catholicos suspensos pontos em drama. Freado mesmo com o enigma mulher e com outras coisas da psychologia imprens.

O que atrapalha a verdade era a roupa, o império! entre o mundo interior e o mundo exterior. A situação contra o homem vestido. O sistema americano infamaria.

Filhos de sol, mãe das viventes. Encontrados e amados ferocemente, como todos a hipocrisia da sandale, pelos imigrantes, pelos traficantes e pelos turistas. No país da corra grande.

Foi porque nunca tivemos grammatica, nem vocabulário de valores vegetais. E nunca sofremos o que era urbano, industrial, fronteiriço e sentimental. Preposições no mapa mundi do Brasil.

Viva a consciência participante, viva a ethica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia relatada. A existencia palpitante do vida. E a mentalidade etologica para o Sr. Levy Brühl estudar.

Queremos a revolução Carabida. Mais que a revolução Francosa. A unificação de todas as revoltas eficaças no direito do homem. Sem só a Europa não seria capaz a sua

poter declaração dos direitos do homem.

A saúde de ouro annunciada pela America. A saúde de ouro. E todos os gels.

Villaggio. O contacto com o Brasil Carabida. Os Villaginhos por terra. Mustagins. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, a Revolução Bolchevista, a Revolução surrealista e ao barbaresco teatralizado de Keyserling. Camilhamus.

Nunca fomos catholicos. Viramos através de um dráma. contados. Fomos Christu nasser na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da logica entre nós.



Desenho de Tereza 1938. Foi, no século, que nasceu a primeira concepção de Júpiter, no galáxia Perseus, no Para.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro império, para ganhar o mundo. O rei analfabeto diversifica: podia isso no papel, mas sem muita habilidade. Fato: o empírico. Gravou-se o nome brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e não trouxe a habia.

O espírito recusa-se a conhecer o espírito sem corpo. O antropofagismo. Necessidade da raciocínio antropofagico. Para o equilíbrio contra as religiões de mestilismo. E as religiões exteriores.

Só podemos atender ao mundo orrendo.

Tinhamos a justiça codificada da vingança. A ciencia codificada da Magia. Antropofagia. A transformação permanente da Tahi em totem.

Contra o mundo reversível e as ideias objectivadas. Calaverzadas. O stop do pensamento que é dinamico. O individuo victima do sistema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conplotas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Carabida.

Morte e vida das hypocothes. Da equação eu parte do Kosmos ao axioma Kosmos parte do eu. Substancia. Coabecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetares. Em comunicação com o solo.

Nunca fomos catholicos. Fomos foi Carnaval. O indio vestido de amador do Imperio. Pingido de Pint. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tinhamos o comunismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A vida de de ouro. Catiti Catiti. Inara Notia. Notia Inara. Ipeji.

A magia e a vida. Tinhamos a religião e a destruição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens divinos. E salamos trempar o myrtilo e a morte com o pulso de algumas formas grammatricas.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Gull Mathias. Com-o.

Só não ha determinismo - onde ha mistério. Mas que temos nós, com isso?

Continua na Pagina 7

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

*

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

*

Tupi, or not tupi that is the question.

*

Contra todas as catequese. E contra a mãe dos Gracos.

*

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

*

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

*

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

*

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No país da cobra-grande.

*

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

*

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

*

Queremos a revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

*

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. *Où Villegaignon print terre*. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.

*

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

*

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

*

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

*

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

*

Só podemos atender ao mundo oracular.

*

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

*

Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema.

Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

*

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

*

O instinto Caraíba.

*

Morte e vida das hipóteses. Da equação *eu* parte do *Cosmos* ao axioma *Cosmos* parte do *eu*. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

*

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

*

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

*

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti Imara Notiá Notiá Imara Ipeju

*

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

*

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.

*

Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

*

Contra as histórias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

*

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue.

*

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

*

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: — É a mentira muitas vezes repetida.

*

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

*

Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.

*

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social planetário.

*

As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios, e o tédio especulativo.

*

De William James a Voronoff. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

*

O pater familias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas + falta de imaginação + sentimento de autoridade ante a pró-curiosa.

*

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à ideia de Deus. Mas o caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.

*

O objetivo criado reage como os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

*

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

*

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz.

*

A alegria é a prova dos nove.

*

No matriarcado de Pindorama.

*

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

*

Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

*

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI.

*

A alegria é a prova dos nove.

*

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura — ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modus vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo — a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

*

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema — o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

*

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: — Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

*

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

Em Piratininga Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.

Porque como

Publicado originalmente na *Revista de Antropofagia*, 2. dentição, n. 6, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1929, p. 10. (N. C.)

(O índio é que era são. O índio é que era homem. O índio é que é o nosso modelo.)

O índio não tinha polícia, não tinha recalcamientos, nem moléstias nervosas, nem delegacia de ordem social, nem vergonha de ficar pelado, nem luta de classes, nem tráfico de brancas, nem Ruy Barbosa, nem voto secreto, nem se ufanava do Brasil, nem era aristocrata, nem burguês, nem classe baixa.

Por que será?

O índio não era monógamo, nem queria saber quais eram seus filhos legítimos, nem achava que a família era a pedra angular da sociedade.

Por que será?

*

Depois que veio a gente de fora (por quê?) gente tão diferente (por que será?) tudo mudou, tudo ficou estragado. Não tanto no começo, mas foi ficando, foi ficando. Agora é que está pior.

*

Então chegou a vez da “descida antropofágica”,
Vamos comer tudo de novo.

Marxillar

uma adesão que não nos interessa

Publicado originalmente na *Revista de Antropofagia*, 2. dentição, n. 10, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 12 jun. 1929, p. 10. (N. C.)

Lemos há dias um angu de estilo que publicou o chamado grupo verde-amarelo, agora assinado por duas testemunhas.

Esses rapazes viram que a Antropofagia é invencível. Resolveram então aderir, mas de uma maneira sinuosa e assustada, querendo o índio anedótico, traduzido de Chateaubriand e minuciosamente inexistente. É que eles aprenderam mal as lições de Raul Bopp.

Antropofagia é simplesmente a ida (não o regresso) ao homem natural, anunciada por todas as correntes da cultura contemporânea e garantida pela emoção muscular de uma época maravilhosa — a nossa!

O homem natural que nós queremos pode tranquilamente ser branco, andar de casaca e de avião. Como também pode ser preto e até índio. Por isso o chamamos de “antropófago” e não tolamente de “tupi” ou “pareci”. Nem queremos inutilizar a nossa ofensiva com oleogravuras de tanga nem besteiras de bodoque. Isso pode figurar como elemento decorativo e sensacional da nossa descida; sem dúvida, gostosamente nos reportamos à época em que, no acaso deste continente, o homem realizava no homem, a operação central do seu destino — a devoração direta do inimigo valoroso (transformação do Tabu em Totem). Mas não será por termos feito essa descoberta, que vamos renunciar a qualquer conquista material do planeta como o caviar e a vitrola, o gás asfixiante e a metafísica. Não! Nem queremos como os graves meninos do verde-amarelo restaurar coisas que perderam o sentido — a anta e a senhora burguesa, o soneto e a Academia.

O que louvamos nesses cinco abnegados dedinhos da mão negra conservadora é uma coragem — a de se declararem sustentáculos de um ciclo social que desmorona por todos os lados e grilos de um passado intelectual e moral que nem na Itália está mais em voga! Pândegos!

Essa gente ignora verdades primárias — por exemplo que, se o Fascismo tem alguma vitalidade é porque na realidade não pretende restaurar grande coisa do passado vencido. O professor Vicente Ráo está aí afirmando na Faculdade de Direito que a carta de trabalho

fascista é uma cópia da organização soviética. E é preciso um possante tracoma para não se ver Mussolini dando as últimas tacapadas na tiara agonizante do papado.

Os verde-amarelos daqui querem o gibão e a escravatura moral, a colonização do europeu arrogante e idiota e no meio disso tudo o guarani de Alencar dançando valsa. Uma adesão como essa não nos serve de nada, pois o “antropófago” não é índio de rótulo de garrafa. Evitemos essa confusão de uma vez para sempre! Queremos o antropófago de Knicker-bockers e não o índio de ópera.

Se quiserem aderir mesmo, estudem primeiro. Abandonem essa “ausência do universo” que nós acreditávamos fosse o cândido patrimônio dos srs. Dácio de Moraes, Cristiano das Neves e R. do Couto, mas que agora explica as bobagens em tom de coalhada que enchem o referido manifesto.

Entre os cinco versáteis, há um que estuda e queima as severas pestanas na luz importada de todas as sabedorias.

Mas infelizmente, do grupo, quatro não acreditam num que vale quatro e este um acredita na inteligência de quatro que não vale nada. Confusionismo típico. Consequências do herbivorismo que, no manifesto, distraidamente eles defendem.

Poronominare

Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia

Publicado originalmente na *Revista de Antropofagia*, 2. dentição, n. 15, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 19 jul. 1929, p. 12. (N. C.)

ALGUMAS TESES ANTROPOFÁGICAS

Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, mais alguns modernistas, entre eles Pagu, Anita Malfatti, Waldemar Belisario, que seguiram anteontem pelo trem azul, para o Rio, vão fazer agora, ali, com Alvaro Moreyra, Hannibal Machado, Clovis de Gusmão, Jorge de Lima, Julio Paternostro, Sinhô, Jurandyr Manfredini, o pintor Cícero Dias e o jurisconsulto Pontes de Miranda, a maquete do Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia, a se reunir em fins de setembro, naquela capital. Dentre as teses que o Clube dos Antropófagos de São Paulo submeterá à discussão do Congresso se contam as seguintes, que ele mais tarde enviará em mensagem ao Senado e à Câmara, solicitando algumas reformas da nossa legislação civil e penal e na nossa organização político-social. Essas teses não representam, porém, senão um aspecto do pensamento antropofágico e se resumem no seguinte do decálogo: I — Divórcio.

II — Maternidade consciente.

III — Impunidade do homicídio piedoso.

IV — Sentença indeterminada. Adaptação da pena ao delinquente.

V — Abolição do título morto.

VI — Organização tribal do Estado. Representação por classes. Divisão do país em populações técnicas. Substituição do Senado e Câmara por um Conselho Técnico de Consulta do Poder Executivo.

VII — Arbitramento individual em todas as questões de direito privado.

VIII — Nacionalização da imprensa.

IX — Supressão das academias e sua substituição por laboratórios de pesquisas.

(Outras teses serão posteriormente incluídas).

ordem e progresso

Publicado originalmente em *O Homem do Povo*, n. 1, São Paulo, 27 mar. 1931, p. 1. (N. C.)

Não temos generais nem profetas. Somos a opinião livre mas bem informada.

Sabemos nos colocar no espaço-tempo.

Sabemos que existe em São Paulo uma corrente separatista que prefere a ocupação estrangeira à evolução do Brasil na direção do estouro do mundo pela guerra e pela revolução social.

Sabemos que nas fronteiras do Sul existe um grande chefe capaz de criar uma aventura de caráter romântico popular.

Sabemos que o partido comunista, auxiliado pelos fatos, prepara as massas das oficinas e dos campos, enquanto a resistência Kulak se forma na dissolvência natural dos latifúndios. Nesse setor o determinismo histórico se biparte e defronta.

Sabemos que há místicos estômagos vazios no Nordeste, cavadores ao Sul, indiferentes a Oeste, canhões imperialistas no nosso mar.

Sabemos que existe a ala canhota no mundo e aqui. Nela se encartam os que acreditando ser da esquerda, não passam de direitistas confusos.

Entre uns e outros nos colocamos com uma imensa e clara simpatia pelas reivindicações da nossa gente explorada.

Nosso programa é simples — basta entrarmos na nossa bandeira. Dar vida, força e sentido a um lema que até ontem parecia vazio e irônico — ORDEM E PROGRESSO. Milagre das ideias chamadas subversivas!

Queremos a revolução nacional como etapa da harmonia planetária que nos promete a era da máquina.

Contra os grandes trusts parasitários que vivem do nosso banho turco de povo lavrador. Queremos a revolução técnica e portanto a eficiência americana. Admiramos a Rússia atual, pois desordenados ainda, temos que respeitar as casas com escrita. Combateremos pois ao lado da racionalização econômica e contra a cabra-cega da produção capitalista. Ordem econômica, progresso técnico e social. Em 1923, a Rússia tinha um déficit de perto de 6 milhões de rublos na sua metalurgia, enquanto prosperavam espantosamente as brasseries e os pequenos bars. Em qualquer país capitalista, orientado pelas forças

cegas do mercado e pela ganância anárquica da oferta e da procura, os bars teriam prosperado como o café aqui sob a operosa vigilância dos srs. Lazard Brothers e teria perecido a metalurgia.

Mas na Pátria de Lenine deu-se o contrário. Nunca houve superprodução de casas de pasto e a metalurgia que a princípio foi subsidiada, centraliza hoje os maravilhosos resultados do plano quinquenal.

Aqui, os capitais estrangeiros deformaram estranhamente a nossa economia.

Dum país que possui a maior reserva de ferro e o mais alto potencial hidráulico, fizeram um país de sobremesa. Café, açúcar, fumo, bananas.

Que nos sobrem ao menos as bananas!

Os capitais estrangeiros compraram as nossas quedas-d'água e criaram um sórdido e meigo urbanismo colonial que passou a ser o que eles queriam — um dos melhores mercados para os seus produtos e chocalhos.

Sendo assim, o ouro entra pelo café e sai pelo escapamento dos automóveis. Gastamos trezentos mil contos por ano em pneumáticos, gasolina ou coisa parecida. E a Amazônia da borracha e a baixada do álcool-motor perecem.

A nossa capacidade interna de consumo para o café (40 milhões de habitantes) seria normalmente de 5 milhões de sacas por ano. Mas quem foi que disse que o paulista ou qualquer outro litorâneo rico jamais se incomodou senão liricamente com as populações esfomeadas do Nordeste ou com os escravos recentes de Mister Ford? Protegemos o sal da Espanha contra a produção das salinas do Rio Grande do Norte. Comemos maçã da Califórnia, bacalhau e sardinha mas mantemos no mais aviltante dos níveis baixos o produtor das melhores frutas do mundo e o pescador do farto peixe dos nossos rios e do nosso mar. Se não compramos nada dos outros Estados, é mais que lógico que estejamos engasgados com 22 milhões de sacas de café, inclusive a pedra!

No bonde em que entramos, no cinema onde vamos, no pão que comemos, pomos sorrindo o óbulo generoso de mais de 50% para os pobrezinhos estrangeiros que ajudaram a criar a nossa grandeza.

É essa a situação do Brasil, onde *O Homem do Povo* se situa para dizer o que sofre, o que pensa e o que quer.

Copyright © 2017 by herdeiros de Oswald de Andrade
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou
em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks
of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

IMAGENS DO *MANIFESTO ANTROPÓFAGO*
Revista de Antropofagia, ano I, n. 1. São Paulo, maio 1928.
Edição fac-similar. *Caixa modernista* (org. Jorge Schwartz).
São Paulo/Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo/
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UFMG, 2003.
PESQUISA, REVISÃO E ESTABELECIMENTO DO TEXTO OSWALDIANO
Gênese Andrade REVISÃO
Huendel Viana Marise Leal ISBN 978-85-438-0970-0

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
www.penguincompanhia.com.br www.blogdacompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras twitter.com/cialetrasManifesto

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

SIGMUND FREUD

O HOMEM
DOS LOBOS



GRANDES IDEIAS

O homem dos lobos

Freud, Sigmund

9788543805337

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

No início do século XX, Sigmund Freud revolucionou o estudo das ciências humanas ao publicar ensaios sobre o inconsciente e a sexualidade. Embora suas teorias tenham sofrido grande resistência da sociedade e em especial da classe médica, foram muito disseminadas, alterando radicalmente a percepção do indivíduo sobre o mundo e sobre si mesmo. "O homem dos lobos", como ficou conhecido um dos mais instigantes casos clínicos de Freud, conta a história de um garoto amável que se torna, sem razão aparente, irritadiço e amedrontado. E dá ao leitor o privilégio de ver o pai da psicanálise destrinchar as memórias mais remotas de seu paciente,

repletas de nuances e contradições, até chegar a um diagnóstico.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

JEAN-JACQUES
ROUSSEAU

A ORIGEM DA
DESIGUALDADE
ENTRE OS
HOMENS



GRANDES IDEIAS

A origem da desigualdade entre os homens

Rousseau, Jean-Jacques

9788554510008

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

A matriz do pensamento moral e político de Rousseau em um dos documentos mais revolucionários do século XVIII. Este notável clássico da filosofia política foi escrito por Rousseau para atender à questão posta pela Academia de Dijon — “Qual é a origem da desigualdade entre os homens e se ela é legitimada pela lei natural”. Em sua resposta, o filósofo se pergunta em primeiro lugar “o que é o homem?”. Para tanto, remonta à ideia de estado de natureza, para em seguida evidenciar o quanto a humanidade se afastou dele e, assim, fixar o cerne do problema da desigualdade entre os homens. Segundo Rousseau, o crescimento da civilização

corrompe a felicidade natural do homem e sua liberdade ao criar desigualdades artificiais de riqueza, poder e privilégios sociais. Alvo de duras críticas ao longo dos séculos, este discurso se mantém tão atual e polêmico quanto o foi em 1755.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLASSICOS

F. SCOTT FITZGERALD

O grande Gatsby

O grande Gatsby

Fitzgerald, F. Scott

9788580862676

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nos tempos de Jay Gatsby, o jazz é a música do momento, a riqueza parece estar em toda parte, o gim é a bebida nacional (apesar da lei seca) e o sexo se torna uma obsessão americana. O protagonista deste romance é um generoso e misterioso anfitrião que abre a sua luxuosa mansão às festas mais extravagantes. O livro é narrado pelo aristocrata falido Nick Carraway, que vai para Nova York trabalhar como corretor de títulos. Passa a conviver com a prima, Daisy, por quem Gatsby é apaixonado, o marido dela, Tom Buchanan, e a golfista Jordan Baker, todos integrantes da aristocracia tradicional. Na raiz do drama, como nos outros livros de Fitzgerald, está o dinheiro. Mas o

romantismo obsessivo de Gatsby com relação a Daisy se contrapõe ao materialismo do sonho americano, traduzido exclusivamente em riqueza. Aclamado pelos críticos desde a publicação, em 1925, O grande Gatsby é a obra-prima de Scott Fitzgerald, ícone da "geração perdida" e dos expatriados que foram para a Europa nos anos 1920.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

MACHADO DE ASSIS

MÁXIMAS,
PENSAMENTOS
E DITOS AGUDOS



GRANDES IDEIAS

Máximas, pensamentos e ditos agudos

de Assis, Machado

9788543811178

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pela primeira vez uma antologia de aforismos e reflexões de Machado de Assis extraídos de seus textos não ficcionais. Composto por trechos selecionados de correspondências, crônicas e textos críticos escritos por Machado de Assis entre 1858 e as vésperas de sua morte, em 1908, este volume traz à luz a posição do escritor diante das principais questões de seu tempo. Divididos em assuntos, os excertos que compõem cada seção estão dispostos em ordem cronológica, de modo a se poder acompanhar o tratamento por ele dispensado a cada tópico ao longo dos anos. Dando mostra da agilidade, precisão e graça de sua escrita, as reflexões de Machado

de Assis são dotadas de extrema atualidade, o que não passará despercebido ao leitor atento, em quem a leitura certamente despertará o riso da galhofa, histórica companheira da melancolia.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS

Joaquim Manuel
de Macedo
Memórias do
sobrinho de meu tio

FICÇÃO

FICÇÃO



Memórias do sobrinho do meu tio

de Macedo, Joaquim Manuel

9788563397997

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O diabo é que em política no século XIX quem fecha uma porta abre outra, e quando não quer abrir, às vezes o povo arromba", observa o debochado e autocomplacente narrador de Memórias do sobrinho de meu tio, romance de Joaquim Manuel de Macedo escrito entre os anos 1867 e 1868. Fraude eleitoral, jornalistas a mando de poderosos e alianças espúrias são alguns dos temas da prosa ligeira dessa sátira política. O sr. F. , narrador destas memórias, herda uma pequena fortuna, logo acrescida pelos outros tantos contos de réis de sua prima Chiquinha, com quem se casa. Juntos, os dois empreendem uma busca voraz por mais dinheiro e poder, este último representado pela

eleição de F. a presidente de província (hoje o equivalente a governador). No meio do caminho, conchavos, amizades interesseiras e lances rocambolescos que parecem exemplificar a interpretação do crítico Antonio Candido sobre a obra de Macedo, que apresentaria duas tendências: o realismo e o tom folhetinesco. Egoísta, anárquico e paradoxalmente um moralista, o protagonista parece antecipar as vestes do conto "Teoria do medalhão", de Machado de Assis, em que a busca de poder e prestígio no Brasil parece estar acima de tudo, inclusive e principalmente da honestidade.

[Compre agora e leia](#)